

**As imagens dos reis
no *Libro de las leyes
fechas por los reyes
godos*
(Madrid, Biblioteca
de la Fundación
Lázaro Galdiano, Mss.
R14423)**

**Vitor Eduardo Coghetto
Vieira da Silva***

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v11i1p152-182

Resumo: O presente artigo tem por objetivo analisar as imagens de reis que se encontram no manuscrito *Libro de las leyes fechas por los reyes godos* (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423), uma cópia do século XIV do código de leis visigodo *Liber Iudiciorum*, compilado no século VII. Assim, buscamos entender os sentidos e as funções das imagens no manuscrito, sempre tendo em vista que se trata de um objeto documental que possui lógicas próprias. Tais imagens são, por um lado, elementos iconográficos, e por outro, ornamentação: ao mesmo tempo em que elas exibem e legitimam o discurso de justiça e poder da obra, elas ajudam a ordenar e organizar o livro e o discurso, como o conceito de ornamentalidade permite perceber.

Palavras-chaves: Manuscrito; Imagens de reis; Ornamentalidade; Visigodos.

* Graduando em História pela Universidade de São Paulo e membro do Laboratório de Teoria e História das Mídias Medievais (LATHIMM). A pesquisa apresentada através deste artigo foi desenvolvida através de orientação da prof. Dr^a Maria Cristina Correia Leandro Pereira (DH-FFLCH/USP), a quem agradeço imensamente, além de contar com financiamento do Programa Unificado de Bolsas da USP (PUB). Contato: vitorcohetto@usp.br

As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)

Introdução

O *Libro de las leyes fechas por los reyes godos* é um manuscrito que atualmente se encontra conservado na Biblioteca Lázaro Galdiano, em Madrid, sob a cota 14423¹. Sua confecção tem datação atribuída à primeira metade do século XIV (YEVES, 1998, p. 402), mas não se sabe exatamente o ano ou o local em que foi produzido. As circunstâncias exatas da produção do manuscrito – seu comitente, seu destinatário, a datação etc. – seriam fundamentais para entendê-lo melhor. Em sua falta, optamos por não avançar muito na sua relação com o contexto histórico, preferindo analisá-lo de um ponto de vista mais interno e formal, buscando discutir as lógicas que presidiram a composição das imagens – entendendo formal não como simples formalismo, mas como uma série de relações que se podem estabelecer através da presença das imagens aliadas à lógica interna do documento. Mas é certo que ainda que muitas das informações essenciais sobre sua produção não tenham como ser estabelecidas, é possível traçar uma breve trajetória das cópias deste código de leis até o século XIV, quando se acredita que o documento aqui tratado tenha sido produzido.

O manuscrito possui dimensões físicas de 25 x 18 cm, com 159 fólios em pergaminho e encadernação moderna (YEVES, 1998, p. 402). Uma quantidade considerável de fólios se perdeu, não se sabe quando, e aqueles que restaram estão em ordem descontinuada a partir do fólio 101r. Escrito em gótico castelhano, possui diversas marcações de leitura e de manuseio pelos copistas que o produziram e também por mãos posteriores, que em algumas partes do manuscrito escreveram nomes de reis ou deixaram outras anotações nas margens. Além disso, a parte escrita

¹ O manuscrito digitalizado está disponível para consulta no site da biblioteca: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html. Esta pesquisa foi baseada nessa digitalização, uma vez que o acesso à versão física do documento não foi possível.

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

do manuscrito está organizada em duas colunas por fólio, contendo trinta e uma linhas cada.

O conteúdo do documento é composto por uma série de leis datadas do período visigótico, mais precisamente quando da compilação realizada pelo rei Recesvinto (r. 649-672) a partir de 653. Essa compilação levava o nome de *Liber Iudiciorum* (sic), consistindo em doze livros, contendo cada um deles um tema geral e um conjunto de leis a ele referidas. Apesar da conquista muçulmana da Península Ibérica no início do século VIII e a consequente desaparecimento do reino visigótico, esse código de leis continuou a ser transmitido ao longo do tempo e nos diversos reinos que se sucederam na Península Ibérica. Yolanda García López (1997), que estuda a transmissão textual das diversas versões que existiram do código, nos informa sobre a existência de diversas famílias textuais que se formaram a partir do texto inicial, em diversos manuscritos.

Um marco fundamental nessa história da transmissão textual é o rei Fernando III, de Castela, que em 1241 ordenou que esse conjunto de leis fosse traduzido para a língua local, provavelmente o castelhano, e aplicado em Córdoba (CASTILLO-LLUCH, 2012, p. 11). Com essa mudança, o código de leis passa a ser conhecido como *Fuero Juzgo*, mantendo-se sua aplicação em algumas localidades, e recebendo novas cópias. Uma destas é justamente o *Libro de las leyes* fechas por los reyes godos, que aqui será discutido e analisado. Este manuscrito, no entanto, apresenta algumas particularidades, uma vez que a presença de imagens de reis é incomum nos manuscritos do *Liber Iudiciorum* e do *Fuero Juzgo*.

No início de cada um dos doze livros de leis contidos no manuscrito se encontra a imagem de um rei visigodo, o que totalizaria doze imagens, caso aquela que deveria preceder o início do Livro VIII, no fólio 100r, não tivesse sido recortada. Além dessas

**As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechadas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)**

onze imagens de reis, há também uma tabela de consanguinidade precedendo o Livro IV, no fólio 51r, em que uma imagem de Abraão contém os graus de parentesco. Essa imagem, no entanto, não será abordada com maiores detalhes neste artigo, pois seria necessário uma nova pesquisa para dar conta de analisar seus modos de funcionamento dentro do manuscrito, além de inseri-la em uma tradição de imagens semelhantes.

As imagens de reis no *Libro de las leyes*: metodologia de análise

Como analisar as imagens de reis contidas neste manuscrito? Em um primeiro momento resultaria muito fácil se nos fiássemos aqui à noção de mera ilustração que cada uma das imagens contidas ao longo dos fólhos parece evocar. Afinal, as onze imagens sobreviventes se referem a um rei visigodo, e há mesmo uma inscrição que as acompanha nomeando-os. Esses indícios levam a uma visão bastante direta, em um primeiro momento, sobre uma suposta função única legada a essas imagens, remetendo à ligação com um dado indivíduo.

No entanto, Baschet (1996) já nos alertou sobre o perigo de entender as imagens na Idade Média enquanto mera representação, noção que pressupõe um destacamento destas em relação ao objeto ou suporte em que estão localizadas, resultando assim em uma visão de recorte e redução do todo. Concordamos com ele, e pareceu-nos fundamental entender a complexidade das relações que as imagens travam com todo seu entorno material e textual. Para isso, a noção proposta pelo autor de imagem-objeto (BASCHET, 1996, p.11) serve como suporte teórico e metodológico, ajudando a evidenciar como a materialidade e os usos dos objetos e dos suportes em que se encontram as imagens devem ser considerados em seu estudo. Assim, é necessário pensar em como os usos de um manuscrito de natureza jurídica incluíram

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

a presença de imagens de reis e como a própria presença destas imagens interferiu nos sentidos do texto e do manuscrito como um todo.

Através da constatação dessas influências mútuas e complexas que imagem e manuscrito exercem um sobre o outro, torna-se mais clara a necessidade de um maior cuidado ao tratar sobre imagens. Ainda seguindo as ideias apresentadas por Baschet, entendemos que buscar uma função única para as imagens está longe de ser algo adequado, e que o uso do termo no seu plural, “funções” pode chegar mais perto de fornecer uma abordagem adequada. Além disso, não se trata somente de fornecer aspectos descritivos sobre as imagens, mas de analisá-las, de procurar entender seus modos de funcionamento no manuscrito. Uma das ferramentas importantes para isso são as de caráter comparativo, como identificar semelhanças e diferenças entre as imagens, tomando-as em uma perspectiva individual e também coletiva. Por meio dessas comparações, evidenciam-se padrões e dissonâncias nas imagens e percebem-se os pontos que se quer ressaltar, por exemplo.

Definidas algumas balizas metodológicas de enfrentamento das imagens no manuscrito, elencamos a ordem em que estes elementos serão descritos e analisados a seguir. Primeiramente, pretendemos partir de uma análise de conjunto das imagens de reis, descrevendo seus aspectos gerais, como insígnias, trono, cores e gestualidade, estabelecendo em seguida suas semelhanças e variações. Por fim, introduziremos e aprofundaremos a discussão da ideia de ordenação e do papel que o ornamental cumpre no manuscrito, a partir das ideias de Bonne (1996), que apresentaremos mais adiante, procurando, assim, evidenciar não só algumas das funções que as imagens exercem em seu suporte, mas também seus modos de funcionamento.

Análise de conjunto: as onze imagens de reis

**As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)**

Como já mencionado anteriormente, há onze imagens de reis neste manuscrito, sendo que cada uma delas sempre precede um livro de leis. Em todas se observa a mesma ideia, figurar um rei visigodo junto com alguns símbolos que evidenciem sua majestade, sua condição de rei. A identificação destas personagens como os reis visigodos se dá pela inscrição de seu nome acompanhando cada imagem. Esta inscrição está sempre contida no interior do espaço reservado à imagem, mas em alguns casos encontra-se bastante desgastada, dificultando a identificação².

Em todas as imagens, os reis se encontram em posição frontal, sentados em uma espécie de trono e portando suas insígnias reais. Não há fundo nelas, os reis são pintados diretamente sobre o pergaminho, o que de certo modo reforça a vinculação dos reis ao texto das leis, ele também sem fundo. Em todas as imagens os reis apresentam o mesmo tipo de roupa, que é genérica para a representação de monarcas na Idade Média, não servindo para precisar a datação nem dos reis nem do manuscrito: vestes longas que cobrem toda a extensão de seu corpo, ficando de fora apenas o rosto, as mãos e os pés – estes últimos cobertos por uma espécie de calçado. As vestes possuem algumas variações entre si, sendo no uso das cores onde se observa melhor essa diversidade, mostrando que o artista teve um cuidado especial em não repetir o padrão de pigmentos utilizados de uma imagem para a outra. Talvez mais do que atribuir algum valor específico à escolha das cores para cada imagem de rei, a

² É o caso das imagens contidas nos fólios 1r, 4r e 51v. Até o momento da redação deste artigo, foi possível identificar o nome de sete reis: Égica (f.35r), Bamba (f.63r), Chindasvinto (f.76r), Recaredo (f.123v), Sisenando (f.135r), Sisebuto (f.101r), Ervígio (f.103r). Quanto aos demais, além dos já mencionados desgastes que dificultam a identificação do rei, há um caso em que a compreensão não foi possível, provavelmente devido à pluralidade de maneiras em que os nomes eram frequentemente escritos nos documentos medievais.

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

preocupação principal fosse aplicar a noção de variedade às imagens, um valor estético importante para o mundo medieval (SANTOS, 2014, p. 96).

Há variedade também na gestualidade dos reis e nas insígnias que estes portam. Consideramos, neste artigo, que estes dois domínios devem ser analisados e entendidos igualmente em uma perspectiva de conjunto, em que as diferenças observadas entre as imagens, no tocante às duas categorias mencionadas, dão-se dentro do sistema de variação, mas não excluindo a possibilidade de que, eventualmente, a individualidade ou mesmo algum tipo de hierarquização também possam ser levadas em consideração.

O gesto é uma característica importante das imagens medievais. A posição dos corpos, das mãos e dos objetos era pensada pelos iluminadores para transmitir sentidos, não sendo, portanto, meras formalidades acrescentadas às imagens (AUBERT, 2015, p. 81). No caso do manuscrito em estudo, os gestos dos reis estão ligados aos objetos que carregam: suas espadas, cetros e orbes. Assim, existe nas imagens uma postura de ostensividade por parte dos reis, que buscam evidenciar a presença de suas insígnias. Observa-se que as mãos e os braços dos reis, nas onze imagens do manuscrito, são dispostos em posições que evidenciam o porte dos objetos, principalmente no caso das espadas e dos cetros. Geralmente o braço está estendido ao lado do corpo e a mão segura o cetro e a espada, de modo que estes objetos se elevem em uma posição quase paralela ao corpo, erguendo-se até sua cabeça.

Os orbes são portados com um gesto que parece indicar um cuidado maior, quase de proteção. As mãos os acomodam, na maioria das imagens, na região do abdômen dos reis, junto ao colo (Imagem 1). Apenas duas vezes o orbe é projetado da

As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)

mesma maneira que os cetros e as espadas, numa posição de ostensividade³. Nestes dois casos, o que parece ocorrer é a preocupação com a não repetição excessiva dos gestos. As imagens imediatamente anteriores⁴ aos dois casos mencionados apresentam uma composição muito semelhante, pois apresentam as mesmas insígnias. Assim, para que não ficasse evidente essa repetição, parece que houve uma opção por deslocar a posição em que os orbes são segurados, de maneira a quebrar esse padrão repetitivo.



Imagem 1: Rei Recaredo (r. 586-601) portando espada e orbe. Fonte: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*. (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.123v). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html

A gestualidade aliada a objetos que evocam a posição real permite que entendamos que existe nas imagens uma preocupação em marcar a posição de autoridade dos reis; e a posição de ostensividade com que são apresentadas as insígnias reforça a necessidade de que o observador tenha ciência de que os objetos

³ É o caso das imagens dos fólhos 35r e 90r.

⁴ Fólhos 4r e 76r.

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

pertencem a um domínio de poder. Ao se levar em conta a natureza jurídica do manuscrito, onde as imagens, por sua própria disposição nos fólhos, já cumprem uma posição de anunciadoras de um conjunto de leis (Imagem 2), pode-se inferir que essa preocupação em evidenciar os objetos de poder faz parte da atribuição de legitimidade tanto à imagem dos reis como ao próprio texto que se segue a elas. Para detalhar esse argumento, é preciso discutir algumas possibilidades de interpretação fornecidas pelas insígnias reais presentes nas imagens.



Imagem 2: A imagem do rei precede o início do livro de leis e seus artigos. Fonte: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*. (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.1r). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html

Tome-se como exemplo o cetro, que aparece em sete imagens⁵. Esta insígnia possui forte vinculação com alguns textos bíblicos, nos quais aparece como instrumento da justiça de Deus, que garante a manutenção dos reinos celeste e

⁵ Os reis que portam cetros se encontram nos fólhos 4r, 35r, 51v, 63r, 101r, 103r e 115r.

**As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechadas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)**

terreno⁶. A partir dessa origem no texto sagrado do cristianismo, essa insígnia passa a ser uma alusão tanto ao poder divino quanto ao poder terrestre que os reis têm em suas mãos (SERRANO COLL, 2011, p.143), uma vez que cabe a eles representar a vontade de Deus, como escolhidos para governar na terra. Assim, quando se encontra esse tipo de objeto em um manuscrito de caráter jurídico, parece válido seguir por um caminho que enxerga uma vinculação entre a imagem, a insígnia e a natureza textual do documento em que está contida. Mesmo nas imagens em que o rei porta uma espada no lugar do cetro⁷ se pode inferir que a insígnia não muda a interpretação geral de justiça e poder, fornecida pelo contexto do documento e sua articulação com as imagens. Não há mudanças significativas na composição do perfil dos reis ou de suas vestes e tronos que indiquem que a espada evoca um caráter unicamente militar. As espadas, se entendidas somente em uma esfera de simbologia militar, teriam seus múltiplos significados obliterados (SERRANO COLL, 2011, p.141), e no contexto geral do *Libro de las leyes*, parece correto entender esse instrumento como integrante de uma imagem de um rei justo, mais do que de um rei guerreiro (embora essa ideia não deva ser descartada).

Além do cetro e da espada, complementam o aparato real nas imagens as coroas e os orbes. Todos os reis usam coroas, indicando mais uma marcação de autoridade da sua posição e apenas duas imagens não colocam o orbe nas mãos do rei, como é o caso daquelas contidas nos fólhos 63r e 101r. No caso do primeiro fólio mencionado, o orbe é substituído por um objeto que lembra um corno (Imagem 3) e que até o presente

⁶ Por exemplo, no salmo 45, versículo 8. Bíblia de Jerusalém (São Paulo: Paulus, 2004).

⁷ Caberia, em uma etapa posterior da pesquisa, investigar as biografias dos reis representados de maneira particular, para identificar se a designação de um cetro ou uma espada é determinada por algo vinculado a ela, como alguma característica marcante de seu reinado, ou se faz parte de uma ideia de variedade e busca pela não repetição excessiva de modelos, como já dito sobre as cores anteriormente.

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

momento não foi identificado com certeza. No caso do último fólio mencionado, o orbe não aparece e o rei porta um cetro, segurando-o com ambas as mãos (Imagem 4).



Imagem 3: Detalhe do rei Bamba (r. 672-680). Fonte: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*. (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.63r). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html

As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)



Imagem 4: Rei Sisebuto (r.612-621), uma das imagens sem orbe. Fonte: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*. (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.101r).
Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html

Percebe-se que as imagens do manuscrito, portanto, estão sempre reforçando uma ideia de autoridade, mobilizando para isso a gestualidade e os objetos exibidos através desses gestos. Ainda mais por se tratar de imagens que necessariamente precedem um conjunto de leis, pode-se pensar em diversas possibilidades de atuação destas no nível funcional do documento. A própria presença de um rei, que através da posição de seus braços estende suas insígnias de forma a evidenciar para o observador a indiscutível posição de superioridade e legitimidade, parece garantir que o conteúdo textual que se seguirá é derivado de uma fonte de justiça inequívoca.

O funcionamento dessas imagens como aferidoras de autoridade e justiça ao texto é um caminho que parece plausível, uma vez que a grande maioria das leis presentes no documento não dizem respeito diretamente aos reis ali representados

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

através das imagens. Se, por exemplo, um dos livros de lei é precedido pela imagem de Sisebuto (r. 612-621), muitas das leis ali contidas, se não todas, não dizem respeito ao seu reinado. Assim, a ideia já mencionada, de que a presença dos reis no manuscrito serve como um empréstimo de autoridade, uma dignificação, um marcador de justiça, parece ganhar força, uma vez que a possibilidade de sua presença ser uma mera correlação direta de autoria com as leis não encontra respaldo.

Ainda em relação às insígnias e à marcação de autoridade, resta analisar mais detidamente um último elemento presente nas imagens dos reis: os tronos ou assentos sobre os quais se encontram. Mais uma vez, quando analisamos as imagens conjuntamente, percebe-se que a preocupação com variedade também se faz presente, assim como já discutido para as cores e a posição das mãos. No caso dos tronos, percebe-se que as diferenças são bastante pronunciadas em alguns casos. Em algumas imagens o desenho dos tronos se assemelha bastante, quase como se fosse um modelo básico em que o iluminador se apoiou para desenhar e pintar os assentos⁸. Nestes casos, o rei se senta em um trono que possui um formato bastante simples, sendo as variações sobretudo nas cores empregadas na superfície do que no formato. Outros quatro exemplos diferem do modelo apontado acima: nos fólios 63r e 90r a composição tem características muito particulares, não se aproximando de outros modelos no manuscrito; já os assentos dos fólios 4r e 115r podem ser tomados em par, uma vez que se assemelham, mas ao mesmo tempo se distanciam dos demais no que parece ser uma maior preocupação com seu desenho e com seus detalhes.

A diferenciação entre os modelos de tronos, ou assentos, pode indicar que o iluminador pretendia evidenciar algum tipo de hierarquia entre os reis presentes nas imagens, uma vez que existem agrupamentos que se assemelham bastante entre si,

⁸ É o caso das imagens dos fólios 1r, 35r, 51v, 76r, 101r, 103r e 123v.

**As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechadas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)**

dentro de um modelo comum, e outros que possuem características distintivas quando comparados ao restante do grupo. Essa possibilidade, porém, não pode ser afirmada com certeza, sendo necessário uma pesquisa mais aprofundada sobre a história de cada um dos reis presentes no manuscrito e sobre a imagem e conhecimento que se tinha deles na época da confecção do documento. Por exemplo, no fólio 63r (Imagem 3), a imagem apresenta um assento bastante mais simples que os demais e que parece estar situado sobre uma base pintada na cor verde, como se fosse uma relva (também caso único no manuscrito). A imagem representa o rei Bamba que, segundo Dias (2003), é objeto de uma lenda, que se difunde ao longo da Idade Média na Península Ibérica, que lhe atribui uma origem humilde, de lavrador, que é escolhido por Deus para reinar, cumprindo o desígnio divino de comandar o povo godo. Ainda segundo a autora, essa lenda aparece formalmente, pela primeira vez, por volta de meados do século XIII, no *Libro de las Generaciones*. Não se pode afirmar nenhuma correlação direta entre essa lenda e a composição da imagem no *Libro de las leyes*, mas essa hipótese ajudaria a explicar a composição diferente observada na imagem, que parece evocar um ambiente com alguma conotação natural e de simplicidade.

Um detalhe a mais que deve ser mencionado neste contexto de diferenças entre as imagens que possam indicar um desejo de transmitir valores sobre cada rei é a presença de um elemento que parece ser um pássaro na imagem do fólio 103r, posicionado na ponta do cetro que o rei Ervígio (r. 680-687) segura (Imagem 5). Essa ave é pintada na cor preta e está de perfil, com a cabeça voltada em direção ao rosto do rei. Esse detalhe precisa ser mencionado pois foge ao que se observa serialmente no conjunto das imagens, podendo indicar algum tipo de distinção, ou ainda, fazer referência a algum episódio da biografia de Ervígio. Essas possibilidades, assim como a

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

questão das hierarquizações através dos tronos, precisam ainda ser mais bem averiguadas por meio de pesquisas sobre o rei em questão.



Imagem 5: Detalhe do rei Ervígio, onde um pássaro repousa na ponta de seu cetro. Fonte: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos* (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.103r). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html

A imagem como autoridade e a ornamentação como organização

A análise da composição das imagens contidas no manuscrito, selecionando os aspectos comuns que se repetem em todos os exemplos, tais como as insígnias, os tronos e mesmo a atenção voltada para as particularidades que se desprendem do padrão estabelecido pelo iluminador, fornecem um bom modo de se aproximar das funções exercidas por estas em conjunto com o texto. É importante recuperar a discussão estabelecida no início da seção sobre a metodologia de análise das imagens, onde reforçamos que sua presença não pode ser entendida hermeticamente, numa existência voltada para si mesma, alheia aos outros aspectos presentes no documento. A presença da imagem se faz em meio a um verdadeiro mar textual, fazendo com que fosse necessário conformar lugares bem definidos para ambas as categorias,

**As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)**

proporcionando uma organização que ao mesmo tempo valorizasse os reis enquanto imagem e que não interrompesse a fluidez necessária ao texto.

Essa necessidade de fluidez pode ser explicada pelo caráter do documento, um compilado de leis. A enumeração dos artigos dentro de cada livro, em que são ordenadas as diversas leis que compõem o código, pede que não haja interrupções abruptas que possam dificultar a consulta e o manuseio das mesmas. No entanto, ainda dentro dessa noção de boa fluidez do texto e da imagem, esta última talvez tenha sido mobilizada também com a função de ajudar na referência do leitor que travasse contato com o documento. As imagens precedendo os livros de leis poderiam servir como guias visuais, chamando a atenção e facilitando o manuseio dos fólios quando se desejasse consultar um livro de leis específico⁹. Levando em consideração que existem centenas de artigos dispostos ao longo do documento, reforça-se a necessidade de que a organização do manuscrito facilite seu uso. A ornamentação, como veremos, possui papel muito importante nessa questão, sendo responsável pela ordenação das imagens dentro do documento. Todos os elementos nele presentes devem, portanto, trabalhar para um melhor funcionamento, construindo-se para isso lugares adequados à imagem e ao texto.

Essa distribuição de lugares, porém, não significa que imagem e texto existissem em universos completamente distintos, onde a presença de um e de outro não possuiria qualquer tipo de diálogo. O bom funcionamento do manuscrito se dá graças a um jogo de empréstimos e de integração sutil entre os dois lados. Para melhor

⁹ Ao discutir os lugares reservados para a presença de imagens no manuscrito da Estoria de Espanna (Escorial, X.I.4.), Rodríguez Porto (2013) indica esse tipo de função que as imagens podem exercer.

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

evidenciar a ideia aqui desenvolvida, é preciso voltar à questão das imagens e do discurso que elas parecem apresentar.

Como já dito anteriormente, todos os reis apresentam uma gestualidade que visa exibir sua posição de poder, mobilizando instrumentos que, mais do que uma posição de realeza, reforçam o caráter de aferição de justiça que essa posição garantia à pessoa real – seja através dos cetros, com seus diversos sentidos, entre eles o de representar a justiça dos reis, advinda do poder de Deus, seja com a espada, que além de demonstrar força militar, evoca também a espada de justiça, de acordo com o contexto geral do documento. Portanto, tem-se um discurso que transparece pela imagem, que quer se fazer presente a todos que porventura lidassem com o manuscrito. A presença real, ao mesmo tempo que garante a legitimidade das leis que se seguem à sua imagem, é alimentada pelo caráter histórico da legislação presente, datada de uma ancestralidade visigótica que ao longo dos séculos nunca deixou de ser recuperada dentro dos reinos ibéricos. É o funcionamento em conjunto do texto e da imagem que constrói seus sentidos, reforça suas posições, legitima suas presenças. Não se entende a particularidade desse manuscrito sem a junção dos dois domínios e a compreensão de sua organização.

Esse empréstimo de autoridade recíproco entre imagem e texto, além de acontecer no campo subjetivo, conduzido pelos discursos produzidos pela composição da imagem dos reis e pela forte tradição visigótica na região em que foi produzido o manuscrito, acontece também de uma maneira bastante explícita, visível. Se é necessário que os lugares sejam delimitados de forma a garantir o funcionamento adequado do documento, isso é feito através do auxílio e da presença da ornamentação, tanto nas imagens quanto no texto.

**As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechadas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)**

Todas as imagens de reis presentes ao longo dos fólhos estão contidas no interior de um elemento ornamental. Esse elemento é composto de duas formas, uma primeira camada circular, que circunscreve a presença do rei e delimita o lugar em que a imagem existe, e uma segunda mais exterior, que contém a primeira e possui um formato retangular. Em ambas, o interior é preenchido por formas entrelaçadas finas, que evocam movimentos circulares e cujo padrão parece se repetir em todas as imagens, com leves alterações dado o carácter manual do traçado. As alterações mais significativas ocorrem na cor escolhida para o traçado das formas que preenchem tanto o círculo quanto o retângulo, e as bordas dos mesmos. Varia-se entre o azul e o vermelho, notando-se que o iluminador mais uma vez procura evitar a repetição evidente. Há, portanto, uma troca, onde ora as áreas circulares e seus entrelaçados são feitas com a cor vermelha, ora com o azul, o mesmo se aplicando à área dos retângulos. Os padrões se alteram dentro desse sistema de uma imagem para a outra, mas se repetem dentro do conjunto das onze imagens.

Os motivos ornamentais acima detalhados, no entanto, não são novidades do *Libro de las leyes*, sendo possível apontar sua presença em manuscritos bastante anteriores à sua confecção, como nos exemplares mais antigos do *Liber Iudiciorum*. Tome-se como exemplo um dos manuscritos sobreviventes mais antigos dessa família documental, o Vaticano Reg. lat. 1024¹⁰, datado do século VIII. Nele observa-se que no início de cada livro de leis, a exemplo do *Libro de las leyes*, aparecem motivos circulares em que certa ornamentação é observada, contendo o título e o número do respectivo livro de leis (Imagem 6). Existe ainda um índice, nos fólhos 1v e 2r, que apresenta uma listagem com todos os livros presentes no manuscrito (GARCIA LÓPEZ,

¹⁰ Manuscrito disponível para consulta em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1024

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

1997, p. 37), com as mesmas formas circulares ornamentadas. Motivos similares podem ser encontrados em outros manuscritos de períodos um pouco posteriores, dos séculos IX e XI, por exemplo, como é o caso dos manuscritos *Leges Visigothorum* (Paris, Bibliothèque Nationale de France, ms. lat. 4667, 827)¹¹ e *Forum Iudicum* (Madrid, BNE, ms. 10064, s. XI)¹².

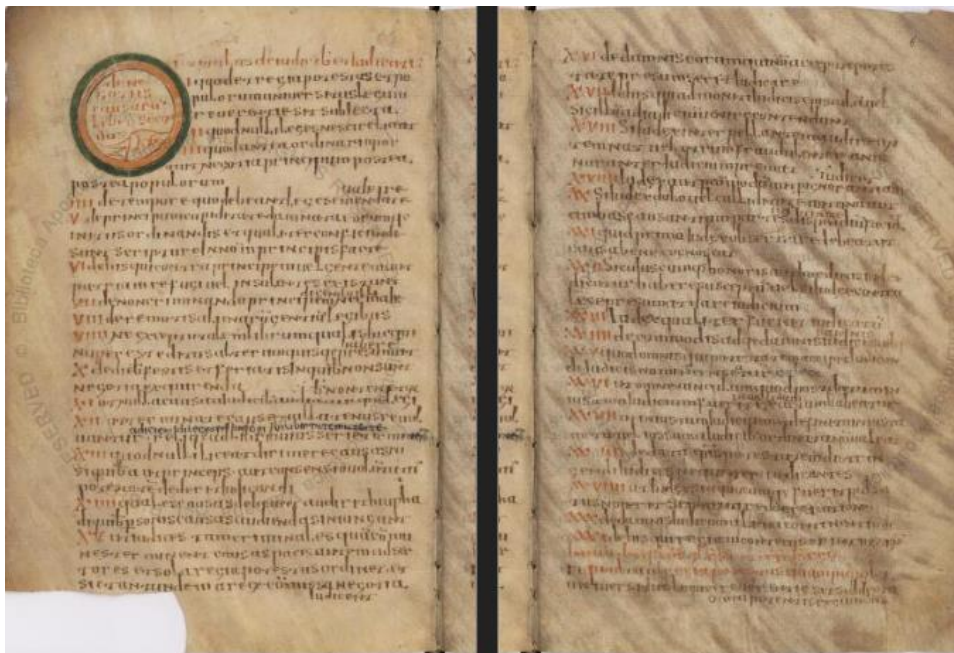


Imagem 6: Motivo circular com ornamentação, dando início a um livro de leis. Fonte: Vaticano Reg. lat. 1024, f.5v. Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1024

Parece verossímil pensar que por meio da sobrevivência de manuscritos mais antigos com as leis visigótica e da continuidade de sua transmissão e cópia criou-se uma tradição de aplicação desse motivo ornamental, mas com algumas adaptações ao longo do tempo, de acordo com características culturais e formais mais familiares aos artistas. Principalmente por se tratar de uma região cujo vínculo com o passado

¹¹ Consultar em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84559359/f1.planchecontact>

¹² Consultar em: <http://bdh-rd.bne.es/viewer.vm?id=0000059709&page=1>

**As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)**

visigótico é tão marcante, recuperar elementos ligados a esse período não seria nenhuma novidade¹³. Mais ainda: o prestígio conferido por esse aspecto da história e da tradição do reino visigótico permite que a própria associação de um motivo ornamental inicialmente ligado aos códigos de leis visigodos se torne parte do vocabulário artístico dos iluminadores da Península. No caso do *Libro de las leyes*, a associação direta com a ancestralidade documental é evidente, quer por se tratar de uma cópia do conjunto de leis, quer pela presença de imagens figurando reis visigodos no manuscrito.

O ornamental enquanto lugar de integração e potencialização

De maneira a se compreender o funcionamento das imagens no manuscrito, como supracitado, é necessário entender como são construídos os caminhos de integração destas à economia do texto, buscando evidenciar as relações que são produzidas pela presença das duas categorias, imagem e palavra. A necessidade de manutenção de uma fluidez do texto faz com que a inserção das imagens precise ser feita de uma maneira cuidadosa, de forma que sua presença seja instalada da maneira mais adequada possível, em que o caráter honorífico de seu status, manifesto pela própria presença dos reis não seja interrompida, ou não pareça estar fora de lugar. Mais do que o figurativo, isso é trabalho do ornamental. Como aponta Bonne, a ornamentalidade é a capacidade de se produzir relações múltiplas no lugar onde o ornamental se integra a seu suporte (imagem ou objeto):

¹³ Rodríguez Porto (2018) discute o papel da memória e da história na imaginação medieval, através do que chama de ruínas, como fragmentos de manuscritos do passado ou edifícios que remetem a outras épocas, por exemplo. Assim, questiona as afirmações de que não haveria um sentido histórico na Idade Média, e para isso se vale de alguns exemplos onde atores do período, como Alfonso X (r.1252-1284), engajaram-se numa busca por recuperar o passado visigótico, evidenciando um desejo por se conectar com a história.

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

“A ornamentalidade, de modo geral, pode tecer relações das mais diversas (enquadramento, destaque, índice direcional, contraponto rítmico ou temático, articulação interna, compartimentação ou recorte, desvio, paródia...) [...]” (BONNE, 1996, p. 213-214, tradução nossa)¹⁴.

Dentro dessa característica adaptativa da ornamentalidade, é possível, portanto, compreender o caso particular do *Libro de las leyes*.

As imagens dos reis se integram ao manuscrito através do elemento ornamental que as circunda, e através deste elas podem existir adequadamente dentro do contexto documental e nas relações travadas com os outros elementos que compõem o manuscrito. Note-se como em todos os casos a imagem do rei está contida no interior dos motivos circulares, não ultrapassando os limites impostos pelas bordas ornamentadas. Ao mesmo tempo em que o ornamento funciona como uma contenção à imagem, é somente a partir de seu interior que esta pode existir e se integrar ao regime do manuscrito de maneira adequada. A delimitação de um espaço onde a imagem existe de maneira alguma deve ser entendida sob um prisma apenas redutor, de freio à sua presença. É justamente pela ornamentação circundante à imagem que seu discurso se integra a todo o conjunto do texto.

Pode-se observar que essa ornamentação não é visível apenas ao redor das imagens, mas ela também se repete por todo o conteúdo textual ao longo dos fólios, de maneira mais notável nas iniciais que precedem o detalhamento de cada lei elencada. Essas iniciais possuem uma característica ornamental muito semelhante àquela das imagens dos reis. Seu interior é preenchido por entrelaços de forma

¹⁴ No original: “L’ornementalité em général peut entretenir les rapports les plus divers (encadrement, soulignement, index directionnel, contrepoint rythmique ou thématique, articulation interne, compartimentage ou suture, décalage, parodie...)”

As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)

circular, como pode ser visto, por exemplo, na inicial “Q” presente no fólio 35r (Imagem 7).



Imagem 7: Detalhe da inicial “Q” e a presença de ornamentação na letra e na imagem. Fonte: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos* (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.35r). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html

Pode-se observar ainda como alguns traços irradiam-se a partir de algumas iniciais presentes no manuscrito, percorrendo a margem do texto de cima a baixo, quase como se abarcando as colunas de texto que vêm imediatamente à sua frente. O detalhe da inicial “S” no fólio 39v (Imagem 8) mostra bem um dos exemplos de como esses traços buscam se expandir pela página, no que parece ser um desejo de estender o ornamental ao texto, ordenando os espaços, delimitando uma área de atuação para

a palavra. Esse tipo de inicial, classificada, tradicionalmente, de *litterae florissae*, funciona de modo “melismático”¹⁵ (PEREIRA, 2019, p. 32-37).

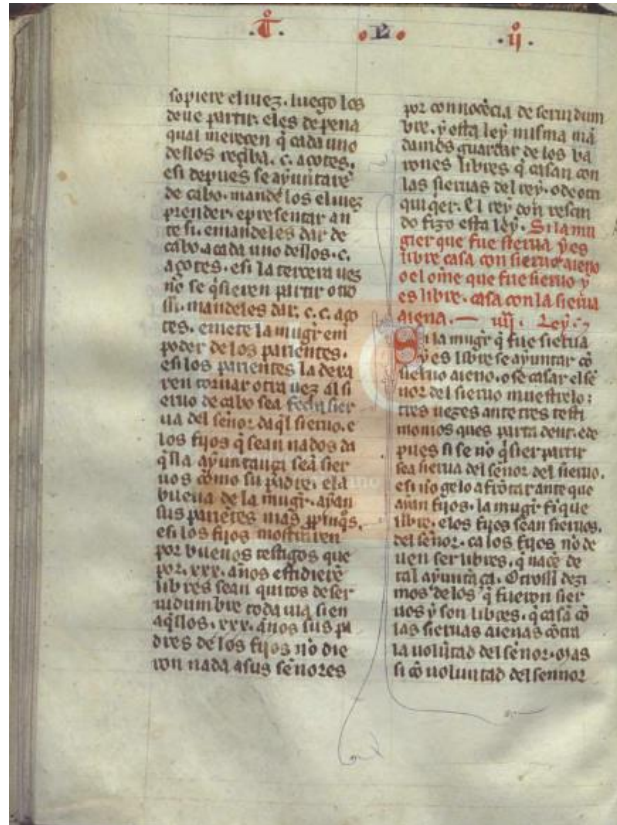


Imagem 8: Inicial melismática “S”. Pode-se observar que alguns filamentos partem da letra e estendem-se ao longo do fólio, junto da coluna textual. Fonte: *Libro de las leyes* fechas por los reyes godos (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f. 39v.). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html

É possível fazer um estudo mais detalhado sobre as iniciais presentes no manuscrito, mas de modo a complementar a discussão sobre a ornamentação

¹⁵ O modo de funcionamento melismático toma de empréstimo um termo advindo da musicologia, onde uma mesma sílaba do texto é entoada com diversas notas. Do mesmo modo, as iniciais melismáticas possuem diversos filamentos que se irradiam a partir delas, produzindo um signo identificável, que estende a presença da inicial para outros lugares do texto (PEREIRA, 2019, p. 32).

**As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)**

presente neste documento, é suficiente trazer a seguinte observação de Stirnemann (1990) sobre as iniciais melismáticas (ou filigranadas, como ela as chama):

“O ornamento filigranado [...] intervém regularmente em cada fólio, afirma a estrutura, e o ducto da letra: pontos de articulação; campos fechado e aberto; limites da inicial e do texto.” (STIRNEMANN, 1990, p. 58, tradução de PEREIRA, 2019, p. 35)¹⁶.

A ideia da autora vai ao encontro do que se pretende demonstrar neste trabalho, revelando uma ornamentalização de diversos aspectos no manuscrito, cumprindo uma função estruturante e também contribuindo para a integração do texto e da imagem. A escolha de iniciais que possuem essas características faz parte de uma economia em que a fluidez se faz presente, mas também se fazem presentes as conexões. A inicial transmite sua importância através de suas ramificações, banhando o texto, contribuindo para uma estética mais bela.

Ao ordenar e estruturar o manuscrito, a dimensão ornamental, que participa tanto das imagens quanto do texto, adequa e estabelece diálogos entre as diversas partes, reforçando a ideia já apresentada de que para a melhor compreensão das imagens há de se levar em conta sua inserção e sua integração ao todo. É através do ornamental, portanto, que essa estruturação pode ocorrer, ligando o discurso da imagem ao discurso que emana do próprio conteúdo textual.

Apontamentos em direção a uma memória visigoda

A título de conclusão, é preciso tocar em alguns aspectos que em alguns momentos foram mencionados durante o artigo, quando se falou, principalmente, em recuperação de uma memória visigótica ao longo da Idade Média e, mais

¹⁶ No original: “L’ornement filigrané [...] intervient régulièrement sur chaque feullet, affirme la structure et le ductus de la lettre: points d’articulation; champs clos et ouvert; confins de l’initiale et du texte.”

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

especificamente, no caso do manuscrito estudado. Para os primeiros reinos cristãos após a ocupação muçulmana na Península Ibérica, em meio àquele cenário que lhes era desfavorável, a associação com o passado visigodo poderia lhes fornecer legitimidade e sustentação política. Monsalvo Antón (2021) demonstra como o reino das Astúrias, por exemplo, cultivou em seu imaginário uma ligação com os visigodos, usando para isso a Crónica de Alfonso III. Essa ligação foi construída através do estabelecimento de laços de continuidade, segundo os quais a monarquia asturiana seria a sucessora dos visigodos, uma vez que esta teria abrigado aqueles que fugiram do domínio muçulmano e queriam combatê-lo. Essa ligação, com o passar dos séculos, foi sendo legitimada através de seguidas crônicas que descreviam os asturianos como verdadeiros herdeiros dos visigodos (MONSALVO ANTÓN, 2021, p. 55).

Um dos aspectos interessantes nesta construção é o uso da obra de Isidoro de Sevilha, a *Historia Gothorum*, que estabelece uma vinculação entre o povo godo e a terra, a Hispania. Como ressalta Monsalvo Antón (MONSALVO ANTÓN, 2021, p. 36), ao estabelecer esses laços entre um povo e uma espécie de terra prometida, as bases para o mito e a glorificação do passado estavam criadas por Isidoro. A partir dessa junção, portanto, cria-se um substrato rico que será reutilizado séculos adiante, em que a terra perdida dos visigodos precisaria ser restaurada, e em que os asturianos aparecem enquanto linhagem advinda dos antigos reis, transmitindo-a para outros reinos.

Díaz (2013) também argumenta que foi através das crônicas e da ideia que inicialmente aparece em Isidoro de uma terra para um povo que o germe da necessidade da reconquista e da recuperação do passado visigodo ganhou força. Essas crônicas, baseadas naquelas produzidas no período asturiano, manipulam o passado de forma a enfatizar o discurso da perda e a criação de uma história da construção da Espanha (DÍAZ, 2013, p. 57). No que pese a extensão dessa ideia de reconquista no

As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechadas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)

momento histórico tratado, o que se retém é a recuperação da memória de um reino caído, sua elevação a um patamar de idealização, bem como o movimento positivo que a associação pessoal com os reis do passado parecia garantir aos reis asturianos.

Esse panorama, observado desde períodos próximos cronologicamente ao fim do reino visigodo, revela desde logo uma tendência à idealização do passado e sua recuperação como uma ferramenta política a ser utilizada no presente. Essa situação acaba por ser replicada ao longo da Idade Média na Península Ibérica em diferentes momentos e reinos. Mas ainda que a mobilização do passado visigótico tenha diminuído com o tempo, ou dividido espaço com novas representações de prestígio, é inegável o peso que esse reino tem ao longo da Idade Média.

O manuscrito aqui estudado é um exemplo concreto desse interesse principalmente por seu conteúdo textual, mas também por suas imagens de reis visigodos. Ao que já foi analisado em relação a estas, não se pode deixar de mencionar um último aspecto. Ruiz (1984), discutindo as particularidades da constituição da realeza castelhana e suas representações de poder, ressalta como os reis visigodos mobilizaram o discurso de seu poder através da adoção de ritos muito parecidos com aqueles observados no Império Bizantino, como o “uso do título de *Flavius* e o trono, a coroa, o cetro, o manto púrpura, e os símbolos reais do antigo império¹⁷” (RUIZ, 1984, p. 430, tradução nossa). Com exceção do título e da cor púrpura, há sempre a presença desses atributos imperiais no conjunto de imagens do *Libro de las leyes*. Além das funções mais gerais de demonstração de poder, autoridade, justiça e fé cristã, essas insígnias poderiam também se remeter mais diretamente a esse passado visigótico (e,

¹⁷ No original: “Les rois wisigoths prirent dès lors le titre de Flavius et le trone, la couronne, le sceptre, le manteau de pourpre et les symboles royaux de l'ancien empire”.

indiretamente, também imperial). Teríamos assim o reforço da manutenção de uma memória não apenas jurídica e política – e textual – dos visigodos, mas também visual.

Conclusão

Através deste artigo, procuramos entender as imagens não apenas como elementos iconográficos que “ilustram” o manuscrito ou que o embelezam. Ainda que de fato elas remetam aos reis visigodos, elas não o fazem por meio de um registro de tipo mimético. Há, ao contrário, toda uma construção retórica visual, que se utiliza de recursos próprios às imagens. Esses recursos são, por um lado, de tipo figurativo – a representação dos reis com seus atributos (e os vários sentidos que estes portam) – e, por outro, ornamental – as cores, o motivo em filigrana etc. Se os recursos iconográficos exibem, reforçam e legitimam a autoridade do texto, a ornamentalidade ajuda a ordená-lo, além de embelezá-lo. O ornamental ocupa e floresce, faz a junção e a integração da imagem ao texto. E é através dessa integração que se transmite toda a potência da presença dos reis, de sua imagem de justiça e poder, para o texto que se segue a eles. Da mesma forma, o próprio texto, também ordenado e adequado pela presença do ornamental, age sobre a imagem, exaltando sua legitimidade através de seu conteúdo.

Fontes Manuscritas

Compendio de crónicas de reyes, séc. XIV. BNE 7415, Madrid.

Forum Iudicum. Madrid, BNE, ms.10064.

Fuero Juzgo. BDH, Vit.17-10.

Fuero Juzgo. Lisboa, BNP, IL 111.

Fuero Juzgo. Murcia, AM, serie S, ms.53.

Leges Visigothorum. Paris, Bibliothèque Nationale, lat. 4667

As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)

Liber Iudiciorum. Vaticano Reg. lat. 1024.

Libro de las leyes fechas por los reyes godos. Madrid, Fundación Lázaro Galdiano, R.14423.

Bibliografia

AUBERT, Eduardo Henrik. Reflexões sobre a imagem como gesto: Apontamentos a partir do manuscrito Paris, BNF, Latin 9449. **Revista de História** (USP), São Paulo, v.172, p.77-111.

BASCHET, Jérôme. Introduction: l'image-objet. In: BASCHET, Jérôme et SCHMITT, Jean-Claude (org). **L'image**. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval. Paris: Le Léopard Le Léopard d'Or, 1996, p. 7-26.

BONNE, Jean-Claude. De l'ornemental das l'art medieval (VIIe-XIIIe siècle). Le modèle insulaire. In: BASCHET, Jérôme e SCHMITT, Jean-Claude (orgs). **L'image**. Fonctions et usages des images dans l'Occident médiéval. Paris: Le Léopard d'Or, 1996, p. 201-249.

CASTILLO LLUCH, Mónica. **Las lenguas del Fuero Juzgo**: avatares históricos e historiográficos de las versiones romances de la Ley visigótica (I), e-Spania [En ligne], 2012, p.1-17.

_____. **Las fechas del Fuero Juzgo**: avatares históricos e historiográficos de la versión romance de la ley visigótica (II). In NARBONA JIMÉNEZ, Antonio; LÓPEZ SERENA, Araceli López Serena (coords.). *El español a través del tiempo*. Estudios de lingüística histórica ofrecidos a Rafael Cano Aguilar. Sevilla: Editorial de la Universidad de Sevilla, 2016. p. 47-68.

COLLINS, Roger. **Visigothic Spain**: 409-711(A History of Spain). Malden, MA: Blackwell, 2004.

DIAS, Maria Isabel Rosa. **A lenda do Rei Bamba**. *Revista ELO*, n. 34, 2003, sp.

DÍAZ, Pablo de la Cruz. El mito godo en la construcción de Castilla. In: CORRAL CRUZ, Fernando; VISO, Iñaki Viso. **El historiador y la sociedad**: homenaje al profesor José María Mínguez. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, p. 53-65.

GALVÁN FREILE, Fernando. La producción de manuscritos iluminados en la Edad Media y su vinculación a las monarquias hispanas. **Anuario del Departamento de Historia y Teoría del Arte** (U.A.M.). Vol. XIII, 2001, p.37-51.

Vitor Eduardo Coghetto Vieira da Silva

GARCIA LÓPEZ, Yolanda. **Estudios críticos y literarios de la «Lex Wisigothorum»**. Alcalá de Henares: Ed. Universidade de Alcalá, 1997.

MONSALVO ANTÓN, José María. **En tiempo de los reyes donde yo vengo: usos del pasado y legitimación monárquica (del Reino de Asturias a los Trastámara)**. Murcia: Universidad de Murcia, 2021.

PEREIRA, Maria Cristina. **As letras e as imagens**. Iniciais ornamentadas em manuscritos do Ocidente medieval. São Paulo: Intermeios, 2019, p.23-52.

_____. Da conexidade entre texto e imagem no Ocidente medieval. In: OLIVEIRA, Terezinha; VISALLI, Angelina M. (Org.). **Leituras e imagens da Idade Média**. Maringá: UDEM, 2011.

RODRÍGUEZ PORTO, Rosa María. **Tragedia y profecía: La reflexión sobre las ruinas en la literatura medieval castellana**. I L. ARCINIEGA GARCÍA, Luis, & SERRA DESFILIS, Amadeo (Ed.). *Recepción, imagen y memoria del arte del pasado*. Valencia: Publicacions de la Universitat de València, 2018, p. 101-125.

_____. **“Otros reyes de la su casa onde él venía”**: metáforas, diagramas y figuras en la historiografía castellana (1282-1332). *Revista de poética medieval* 27, 2013, p. 197-232

RUIZ, Teofilo F. **Une royauté sans sacre: La monarchie castillane du bas moyen age**. *Annales. Histoire, Sciences Sociales* 39e Année, No. 3, 1984, p. 429-453.

SANTOS, Aline Benvegnú dos. **A ornamentalidade dos capitéis do claustro Sant Benet de Bages: as funções do decor na arte românica**. 2014. 243 f. Tese (Mestrado) - Curso de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SERRANO COLL, Marta. **Los signos del poder: Regalias como complemento a los emblemas de uso inmediato**. *Emblemata, Zaragoza*, v. 17, 2011, p. 129-154.

STIRNEMANN, Patricia. Fils de la vierge. **L’initiale à filigranes parisienne: 1140-1314**. *Revue de l’Art*, n.90, 1990, pp. 58-73.

YEVES, Juan Antonio. **Manuscritos españoles de la Biblioteca Lázaro Galdiano**. Madrid: Ollero & Ramos/Fundación Lázaro Galdiano, [1998], n. 285, p.402.

Imagens

**As imagens dos reis no *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*
(Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423)**

Imagem 1: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*. (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.123v). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html. Acesso em: 08/2021.

Imagem 2: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*. (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.1r). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html. Acesso em: 08/2021.

Imagem 3: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*. (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.63r). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html. Acesso em: 08/2021.

Imagem 4: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos*. (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.101r). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html. Acesso em: 08/2021.

Imagem 5: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos* (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.103r). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html. Acesso em: 08/2021.

Imagem 6: Vaticano Reg. lat. 1024, f.5v. Disponível em: https://digi.vatlib.it/view/MSS_Reg.lat.1024. Acesso em: 01/2022.

Imagem 7: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos* (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f.35r). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html. Acesso em: 08/2021.

Imagem 8: *Libro de las leyes fechas por los reyes godos* (Madrid, Biblioteca de la Fundación Lázaro Galdiano, Mss. R14423, f. 39v.). Disponível em: www.bibliotecalazarogaldiano.es/mss/r14423.html. Acesso em: 08/2021.

